

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - EaD**

JOSY KELLY CASSIMIRO RODRIGUES DOS SANTOS

**A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE LIBRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: DESCONSTRUINDO ALGUNS MITOS**

**PATOS - PB
2020**

JOSY KELLY CASSIMIRO RODRIGUES DOS SANTOS

**A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE LIBRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: DESCONSTRUINDO ALGUNS MITOS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

Orientador (a): Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo Frutuoso.

**PATOS - PB
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE PATOS/IFPB

S237r Santos, Josy Kelly Cassimiro Rodrigues dos
A relevância do ensino de libras nos anos iniciais do ensino
fundamental: desconstruindo alguns mitos/ Josy Kelly Cassimiro
Rodrigues dos Santos. - Patos, 2020.
26 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras
- EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2020.
Orientadora: Profª. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo
Frutuoso

1. Ensino de libras 2. Inclusão 3. Mitos 4. Língua I. Título.

CDU – 81'221.24

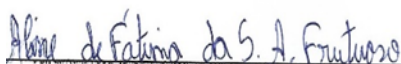
JOSY KELLY CASSIMIRO RODRIGUES DOS SANTOS

**A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE LIBRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: DESCONSTRUINDO ALGUNS MITOS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus Patos*, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

João Pessoa, 02 de fevereiro de 2021

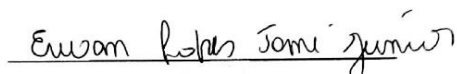
BANCA EXAMINADORA



Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo Frutuoso - Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Profa. Me. Débora Regina Fernandes Benício - Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Erivan Lopes Tomé Júnior - Examinador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

RESUMO

Com o advento da Língua Brasileira de Sinais – Libras, a sociedade construiu algumas ideias errôneas a respeito da comunicação da pessoa surda. Sendo assim, este trabalho busca desconstruir os principais mitos que permeiam o sujeito surdo. Tais mitos serão apresentados com o intuito de enfatizar a importância do ensino de uma língua, Libras, principalmente nas primeiras séries do ensino fundamental da criança ouvinte, mostrando a Língua Brasileira de Sinais como uma língua social, cultural, histórica e que possui sua própria estrutura e, conseqüentemente, desmistificando a imagem da Libras como uma mímica. Para o desenvolvimento deste trabalho realizamos uma pesquisa teórica e interdisciplinar com caráter majoritariamente qualitativo e prioritariamente bibliográfico com base teórica em Gesser (2009), Forster (2004), Quadros (1997), Silva (2009) e Skliar (1998). Por meio de uma concatenação dos dados obtidos a partir da leitura de artigos, imergiu-se teórica, crítica e analiticamente em conhecer as legislações e decretos, refletir sobre a inclusão da Libras no Brasil, desmistificar a Libras enquanto mímica e traçar uma construção da identidade surda em uma sociedade na qual a maioria são ouvintes. A partir desta pesquisa, compreende-se que a propagação de alguns mitos a respeito da Libras interfere negativamente na educação dos surdos, o que permite que muitos tenham uma visão distorcida sobre a Libras enquanto língua, associando, muitas vezes, o uso de mímica como um instrumento pertencente a comunicação da sociedade surda.

Palavras-chave: Ensino de Libras. Inclusão. Mitos. Língua.

ABSTRACT

With the advent of the Brazilian Sign Language - Libras, society has constructed some erroneous ideas about the communication of the deaf person. Therefore, this work seeks to deconstruct the main myths that permeate the deaf subject. Such myths will be presented in order to emphasize the importance of teaching a language, Libras, mainly in the first grades of the elementary school of the listening child, showing the Brazilian Sign Language as a social, cultural, historical language that has its own structure and, consequently, demystifying the image of Libras as a mime. For the development of this work, we carried out a theoretical and interdisciplinary research with a mostly qualitative and primarily bibliographic character with a theoretical basis in Gesser (2009), Forster (2004), Quadros (1997), Silva (2009) and Skliar (1998). Through a concatenation of the data obtained from the reading of articles, it immersed itself theoretically, critically and analytically in knowing the laws and decrees, reflecting on the inclusion of Libras in Brazil, demystifying Libras as a mime and tracing an identity construction deaf in a society in which the majority are listeners. From this research, it is understood that the spread of some myths about Libras interferes negatively in the education of the deaf, which allows many to have a distorted view of Libras as a language, often associating the use of mime as an instrument pertaining to deaf society communication.

Keywords: Teaching Libras. Inclusion. Myths. Language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 OBJETIVO.....	8
1.1.1 Geral.....	8
1.1.2 Específicos.....	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 LEGISLAÇÃO.....	9
2.2 DESCONSTRUINDO ALGUNS MITOS.....	11
3. MÉTODOS.....	16
4. ANÁLISE DE DADOS.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará a importância da inserção do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos anos iniciais do Ensino Fundamental dos ouvintes, buscando desfazer a errônea impressão de que esta complexa língua é uma comunicação mímica. Sendo assim, estudar uma segunda língua, desde cedo, é primordial para ampliar as capacidades humanas e profissionais.

É bastante comum a falta de conhecimento a respeito da Língua de sinais culminando em preconceito, informações errôneas, dentre outros. A comunidade de surdos brasileira é bastante vasta, e precisa ser compreendida como tal em suas singularidades. O processo educacional dos alunos ouvintes na escola regular deve ser cada vez mais inclusiva, partindo da alfabetização em sua primeira língua, paralelo ao ensino de Libras como segunda língua (L2) para ouvintes.

Assim, discutir a importância da Libras em sala de aula como L2, ou seja, aquela utilizada pelo falante em função de contatos linguísticos na família, comunidade ou em escolas e também inserir o ensino de uma segunda língua para ouvintes desde as primeiras séries é fundamental para a comunicação mais eficiente dos ouvintes. Desta forma, a Língua Brasileira de Sinais não deve ser vista ou estudada apenas como uma linguagem, uma vez que a Libras, assim como a Língua Portuguesa, possui todos os níveis linguísticos, lexicais, morfológicos, fonéticos, dentre outros.

Destarte, nesse estudo daremos ênfase ao ensino da Libras para crianças ouvintes em virtude da necessidade de discutirmos sobre a importância da inserção da Libras nos primeiros anos do Ensino Fundamental, da mesma forma que destacaremos um contexto que fomente e compartilhe o respeito às crianças surdas, as suas diferenças, a sua língua e cultura. Assim, apresentamos o seguinte problema de pesquisa: proporcionar ainda nos primeiros anos do Ensino Fundamental o ensino da Libras como L2 para os alunos ouvintes pode ser um caminho para uma sociedade inclusiva e mais igualitária?

O interesse de debater o ensino de Libras como L2 surgiu a partir de aulas ministradas em uma turma de ouvintes com apenas 1 aluno surdo. Observei que os poucos alunos que conheciam alguns sinais conseguiam estabelecer, minimamente, um diálogo com o colega surdo; já as crianças que não sabiam nem o alfabeto em Libras, usavam de mímica e objetos na tentativa de estabelecer uma comunicação. Dessa forma, inserir o ensino de Libras logo na

primeira fase do Ensino Fundamental para crianças ouvintes é um caminho para uma sociedade inclusiva e mais igualitária.

Desse modo, justifica-se a relevância desta pesquisa, tanto na perspectiva teórica, identificando a importância de difundir informações sobre a Língua de Sinais que possam atuar com o objetivo de desfazer alguns preconceitos, quanto na perspectiva prática, de modo a fornecer subsídios importantes para informar pessoas eventualmente responsáveis por lidar diretamente e indiretamente com crianças surdas.

Assim, esta pesquisa teórica e prioritariamente bibliográfica propõe uma breve análise da legislação e do decreto da Libras, bem como desmistificar alguns mitos relacionados à comunidade surda. Para o desenvolvimento do estudo foram selecionados livros e artigos de estudiosos, tais como Gesser (1998), Quadros (1997), Skliar (1998), dentre outros, com o intuito de mostrar a importância da Libras enquanto L2 para o desenvolvimento da criança ouvinte. Por meio desta análise, tivemos a intenção de proporcionar maior familiaridade com o tema, de maneira a favorecer o surgimento de novos olhares a respeito desta temática.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral

Promover o reconhecimento da Libras desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, para que as crianças e educadores passem a olhar a Língua Brasileira de Sinais como língua natural.

1.1.2 Específicos

- Apresentar a inserção do ensino da Libras de acordo com a legislação vigente;
- Desmistificar alguns mitos da Língua Brasileira de Sinais;
- Difundir as características existentes da Libras como língua natural.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Legislação

Com o reconhecimento da Libras no Brasil, observou-se que as discussões e as leis passaram a ser empreendidas com mais veemência, como parte da vida do cidadão brasileiro, fazendo-o refletir a respeito da importância da Libras em seu meio.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional já abordava dois artigos referentes à educação dos surdos, garantindo-lhes esse direito. O artigo 89 assegura que o governo irá se comprometer em ajudar as Organizações Não Governamentais (Ong's) a prestarem serviços educacionais às pessoas com deficiência, embora não faça referência direta aos surdos, eles estão enquadrados nesta classe. Vale ressaltar, todavia, que ainda são poucos os profissionais especializados no atendimento as pessoas surdas.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), 9.394/96, apresentou algumas mudanças positivas que permitem visualizar uma melhor perspectiva governamental e legislativa para a educação dos surdos. Nesta, há o capítulo 5 dedicado à Educação Especial numa perspectiva de educação inclusiva para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Ademais, temos o decreto governamental 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que instituiu o ensino aos surdos na língua de sinais (LIBRAS).

No entanto, tais garantias não asseguram um ensino apropriado ao surdo, já que muitas instituições ainda negam a permanência deles em sala de aula e outras recusam a contratação de um profissional especializado para mediar o ensino. É preciso entender que a Libras é o meio pelo qual os surdos podem adquirir conhecimento de mundo, projetar sua própria história e serem reconhecidos como surdos. No caso das crianças ouvintes, a inserção da Libras na sua vivência permite um progressivo movimento de conscientização linguística, social, política e de cidadania voltados para a comunidade surda, ou seja, aprender a Libras como L2 é fundamental para continuarmos fomentando e conduzindo à institucionalização dessas políticas públicas.

No Brasil, a Língua de Sinais foi oficializada como a língua de uso dos surdos. Amparados pela lei, os direitos linguísticos dos surdos estão expostos nas políticas públicas para que todos tenham acesso. Estas leis garantem aos surdos o ingresso e a permanência

deles dentro das escolas de ensino regular, ou seja, a partir da legislação começou o processo de inclusão dos surdos nestas instituições. A lei 10.436, de 2002, regulamenta e reconhece a língua de sinais em todo o país, bem como determina a inclusão da Libras como parte integrante do componente curricular.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (LEI nº 10.436 de 24 de abril de 2002)

Já o decreto 5.626/05 foi primordial e decisivo para o reconhecimento da legitimidade da Libras, ocasionando diferentes ações que tiveram boa repercussão na educação das pessoas surdas. Dentre as muitas contribuições do referido decreto, destaca-se no âmbito educacional a inclusão da Libras como disciplina curricular nos cursos de formação de professores.

Apesar de amparada pela lei, a disciplina de Libras ainda não contempla, de forma obrigatória, todas as graduações. No artigo 3º desse decreto está estabelecido para o Ensino Superior, a inserção da disciplina, obrigatoriamente, nos cursos de Pedagogia, Educação Especial, nas diversas licenciaturas e no curso de Fonoaudiologia. A falta de interesse de muitos alunos ouvintes, bem como sua frustração com a disciplina de Libras no curso superior se dá por causa do despreparo profissional dos docentes (falta de capacitação), da abordagem do conteúdo com os ouvintes (metodologia ultrapassada) e com escrita específica (escrita de sinais). É necessário destacar que o aluno ouvinte não tem a mesma visão da língua que o aluno surdo possui; ademais, o ensino errôneo aos ouvintes em formação pode levá-los a uma visão preconceituosa da Libras enquanto mímica ou língua dos gestos que são meras reproduções do português. Vejamos:

Percebe-se que em nosso país, entre os documentos que compõem o conjunto de leis denominado Políticas Públicas e sua implementação, há um grande fosso. Com as políticas públicas educacionais na área de educação de surdos, não é diferente. Há lei para acessibilidade que garante intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa durante as aulas, flexibilidade na correção das provas escritas, materiais de informação aos professores sobre as especificidades do aluno surdo etc. Mas, na prática, o que se percebe, é o aluno surdo mais excluído do que incluído nas salas de aula regulares, enfrentando dificuldades, que, muitas vezes os seus familiares é que tentam minimizar, buscando soluções nem sempre eficientes para ajudá-los. Por outro lado, professores, em sua maioria, sem conhecimento mínimo da Libras e, algumas

vezes, subsumido por uma carga horária de trabalho exaustiva, não têm tempo para buscar uma formação continuada na área. (TAVARES E CARVALHO, 2010, p. 3-4)

Embora a legislação estabeleça mecanismos de acessibilidade para a educação em Libras para surdos e ouvintes, as barreiras e o desconhecimento das necessidades educativas resultam em dificuldades. Isso significa que é preciso tratar a inserção da Libras no âmbito escolar como uma oportunidade de oferecer ferramentas linguísticas para toda a comunidade surda e ouvinte, de modo que haja uma real interação e formação de ambos os grupos.

2.2 Desconstruindo alguns mitos

Pensar na Língua de Sinais como mímica ou uma mera forma de comunicação, implica em minimizá-la. Mesmo com a lei e o decreto garantindo acessibilidade à comunidade surda, é preciso pensar a Libras não só no âmbito político, mas também no campo educacional e cultural.

Quando pensamos no ensino de Libras em sala de aula associamos ao pensamento de Perlin (1998), “a preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança”, ou seja, a inserção do surdo no ensino regular é um processo gradual e dinâmico. É preciso ver a reação, a acolhida do próprio professor, além da socialização deste aluno com os colegas da turma, não podemos apenas socializar com os pares, é preciso estabelecer uma comunicação com as pessoas em geral.

No entanto, inserir um aluno ouvinte em uma turma de surdos também não será uma atividade fácil, logo, nota-se que a dificuldade acontece de ambos os lados, assim, é preciso entender as necessidades do aluno, construir uma metodologia atrativa e de inclusão, e garantir o respeito, neste caso, com a língua de sinais.

Através da minha experiência profissional passei a acreditar e defender a importância do ensino de Libras em sala de aula desde a educação infantil, período de maior facilidade de aquisição de uma segunda língua. É de conhecimento geral que muitos surdos apresentam dificuldades na comunicação oral; da mesma forma que muitos ouvintes não sabem se comunicar da maneira correta com o surdo, ou seja, usando a Libras. Sendo assim, tem-se a necessidade de ensinar a língua viso espacial tanto ao público surdo quanto ao público ouvinte.

Conforme mencionado anteriormente, a lei e o decreto garantem o ensino da disciplina de Libras em algumas graduações, no entanto, o mesmo não acontece nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Inserir esse público no universo das Libras contribui para a formação das crianças enquanto cidadãos torna-os aptos para exercerem diferentes funções na área profissional, além de acabar com possíveis preconceitos e diferenças.

Se pensarmos que uma criança ouvinte é exposta, desde cedo, à língua utilizada por sua família, neste caso a língua oral, essa criança será naturalmente um nativo naquela língua. Então por que não fazer isso também com a Libras enquanto L2? Por que não permitir que as crianças surdas e ouvintes estabeleçam uma comunicação natural desde cedo? A falta de inserção da criança ouvinte no universo dos surdos, assim como a ausência do ensino de Libras nas salas regulares limitam as interações a poucos gestos (mímicas), o que reduz o aprendizado e as trocas com o meio social, fazendo com que as crianças ouvintes comuniquem-se apenas com as pessoas do seu convívio, segregando as duas comunidades: ouvintes e surdos.

Primeiramente é preciso entender que a língua não é só sistema, mas também não é só cognição, a língua é tudo isso, pois ela é de suma importância para o desenvolvimento do ser humano enquanto indivíduo e sujeito. Assim, podemos definir a Libras como uma língua natural, de modalidade viso espacial cujas características são próprias. De acordo com Honora, 2009, p. 41:

As línguas de sinais são naturais, pois surgiram do convívio entre as pessoas surdas. Elas podem ser comparadas à complexidade e à expressividade das línguas orais, pois pode ser passado qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou irracional [...]. Trata-se de línguas organizadas e não de simples junção de gestões. Por este motivo, por terem regras e serem totalmente estruturadas, são chamadas de LÍNGUAS. [...]. As línguas não são universais. Cada uma tem sua própria estrutura gramatical, sendo assim, como não temos uma única língua oral, também não temos apenas uma língua de sinais.

Outra questão que merece ser abordada, pois encontra-se relacionada com as características e estruturas das línguas naturais, é a arbitrariedade e iconicidade (WILCOX, 2004), visto que a primeira é estudada como um aspecto marcante das línguas naturais, enquanto a segunda é uma das características centrais das línguas de sinais.

Assim, pensamos no que Falcão (2010) chama de iconicidade presente nas línguas de sinais, essa representa o referente do ponto de vista da aparência, do movimento, da forma ou da função, ou seja, alguns sinais possuem semelhança com o referente ou formatos que se

assemelham, mas nem por isso podemos tratar a Libras como mímica. De acordo com Martelotta,

O ícone, por sua vez, tem uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere. A fotografia de um indivíduo, por exemplo, é uma representação icônica desse indivíduo, assim como o mapa do Rio de Janeiro representa a cidade. Assim, um ícone é qualquer coisa que seja utilizada para designar algo que lhe seja semelhante em algum aspecto. (MARTELOTTA, 2011, p. 73)

No entanto, apesar da iconicidade estar mais presente na língua de sinais, não podemos considerar essa uma característica exclusiva da Libras, pois, nas línguas orais auditivas, ela também é recorrente, a exemplo das onomatopeias. Vale destacar que a iconicidade está relacionada às características semelhantes que o ícone tem em comum com o objeto que representa. Logo, por ser uma língua de modalidade viso espacial, a iconicidade está presente em boa parte dos sinais da Libras. Além disso, não podemos dizer que a Libras é uma língua exclusivamente icônica. Em consonância com Gesser:

[...] mesmo os sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra, o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um “acordo coletivo tácito” entre os falantes de uma determinada comunidade. (GESSER, 2009, p. 24 apud SAUSSURE, 1916)

Nesse sentido, é importante entender alguns significados apresentados pelo *Dicionário Didático de Português* (BIDERMAN, 1998, p. 630-645):

mímica s.f. mímica. Expressão de idéias, palavras ou sentimentos através de gestos expressivos que acompanham ou substituem a fala. Os mudos usam mímica para comunicarem suas idéias. Durante o piquenique a turma fez várias brincadeiras; uma delas foi o jogo de mímica. j I pl: mímicas. [ênfase minha] mudez s.f. mudez. Qualidade daquele que é mudo, de quem não fala. Muitas vezes, a mudez é provocada por problemas de audição.] INão se usa no pl.1 ad]: mudo/ cf: surdez. mudo ad], mudo. 1. Que não fala por problemas físicos ou psicológicos ...

As próprias definições expostas pelos dicionários ajudam a propagar a errônea ideia de que os surdos usam a mímica como um meio de comunicação, o que prejudica o ensino e a compreensão da história desse povo, perpetuando a mística de que a Libras é uma língua de sinais limitada, simplificada e primitiva. A mímica ajuda na representação de um objeto tal como existe na realidade (GESSER, 2009), no entanto, em Libras, essa representação é chamada de Classificadores. Em Libras, os classificadores “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de

objetos inanimados e seres animados”. (PIMENTA & QUADROS, 2006, p.71) Ademais, são usados como marcadores de concordância de gênero para pessoas, animais e coisas.

Já a ideia de arbitrariedade, em Libras, se relaciona com convenção, pois o “sinal” só recebe esse nome devido a uma convenção que estabelece esse conceito e não porque há uma relação entre o som da palavra e o objeto que ela designa. Observe os exemplos (CAPOVILLA, 2007, p. 2094-788):

Figura 2 telefone



Fonte: Capovilla, 2007

Figura 1 desculpa



Fonte: Capovilla, 2007

No exemplo 1, ‘telefone’, podemos destacar que o sinal é constituído a partir de características da imagem do objeto ao qual faz referência. Já no exemplo 2, o sinal ‘desculpa’, diferente do exemplo 1, não tem seus constituintes influenciados pela imagem de algum objeto, nesse caso, seus sentidos foram estabelecidos a partir de conceitos convencionais criados e não porque seus significantes dão pistas. Enquanto o primeiro lembra a imagem do aparelho telefônico e da posição como usamos, o segundo não faz referência alguma com seus sentidos.

Outro aspecto que deve ser discutido nas escolas é o de que a Libras é uma língua de sinais e cada país possui uma língua para as pessoas surdas, como a “American Sign Language” (língua de sinais norte-americana). Se pensarmos a partir do português, por exemplo, constataremos que cada grupo de falantes possui uma linguagem própria, ou seja, uma variação linguística, social e cultural, gírias, entre outros; o que também ocorre na comunidade surda, cada grupo tem sua variação o que, conseqüentemente, varia de região para região e de país para país.

Um fator muito recorrente nas escolas diz respeito à datilologia (alfabeto manual), ou seja, como os alunos estão acostumados a ver o alfabeto, esses acabam por imaginar que a Libras se resume a soletrar palavras; no entanto, aos poucos isso vai mudando e percebe-se que cada vocábulo, objeto, instituição, dentre outros, possuem um tipo de sinal. Existem

situações em que soletrar é fundamental, a exemplo do nome de pessoas ou quando não se tem um sinal específico para determinada palavra. Segundo Gesser (2009, p. 28), “O alfabeto manual, utilizado para soletrar manualmente as palavras, é apenas um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código de representação das letras alfabéticas.” Incorporar esse pensamento a respeito da Libras é limitá-la em todos os aspectos.

A criança surda, bem como a ouvinte, deve aprender desde cedo que a Libras não é composta apenas por um alfabeto manual (datilologia), mas também por expressões faciais, contextualização, aspectos morfológicos, dentre outros. Da mesma forma que colocamos ênfase e entonação em nossas falas, a Libras também requer uma expressão e sentido em suas colocações. Em consonância com Gesser (2009, p. 17), “Diferentes dos traços paralinguísticos das línguas orais, nas línguas de sinais, as *expressões faciais*, são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua”. Sendo assim, as expressões faciais e o contexto da conversa permitem que o surdo e o ouvinte saibam se tal oração está afirmando ou negando, logo, vê-se que cada sinal é composto de um significado e que a junção desse sinal com os 5 parâmetros da Libras, a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões não-manuais, formam uma comunicação efetiva e significativa, desconstruindo a ideia de mímica.

É preciso pontuar que ensinar essas diferenças a criança é o primeiro passo para desmistificar a imagem que elas possuem da Libras como sendo uma mímica. Ao aderirem à educação inclusiva, a escola, bem como os educadores assumem o compromisso de promover um desenvolvimento pleno do cidadão em todos os níveis da educação. Ao incluir um aluno surdo, a escola regular rompe com as diferenças e, por conseguinte, muda o seu olhar e o seu ensino deve estar pautado na adaptação do aluno. Acerca disso Silva afirma:

Os estudantes e as estudantes surdos devem ser estimulados a explorar as possibilidades de perturbação, de transgressão, de subversão das identidades de fronteira denunciando a artificialidade. Isto porque a cultura surda sempre tem uma oposição às particularidades da cultura ouvinte e encontra sua forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na visão. Ela aceita as particularidades decodificando e codificando-as novamente. Por definição a cultura surda é um espaço contraditório, um local de contestação estratégica (SILVA, 2000, p. 100).

Assim sendo, o surdo e o ouvinte precisam compreender que a Libras constitui-se como um universo cultural carregado de lutas, conquistas e superações. A partir do momento em que o docente estimula a comunicação por meio de mímica ou gestos que não condizem

com o gesto-visual da Libras, há um retrocesso cultural e linguístico para a comunidade surda. Ao refletirmos sobre os ganhos da comunidade surda ao longo do tempo, é preciso observar que a inserção deles ainda não está completa e que devemos sempre questionar e buscar essa inclusão de maneira positiva e efetiva.

Outrossim, é preciso romper com termos estereotipados como surdo-mudo e diálogo por meio de mímicas. Analisar a história e as relações culturais, históricas, sociais e linguísticas, permite concluir que tais preconceitos ainda permeiam o universo do surdo e acabam exercendo um bloqueio no desenvolvimento e crescimento da Libras. O fato é que os surdos falam por meio dos sinais, fazendo com que a sociedade insista em defender o mito de que a fala é concebida unicamente com o sentido de produção vocal-sonora, quando na verdade já ficou comprovado que não. Colocar a criança desde cedo em contato com a Libras ajuda no desenvolvimento dela enquanto comunicação e, principalmente, evita que ela cometa algum dos mitos mencionados anteriormente. Sendo assim, é importante que a criança surda tenha contato com a Libras, primeiramente, no contexto social (família, amigos) e, ao ser apresentada no âmbito educacional, que isso ocorra nos seus primeiros anos escolares, pois será fundamental para o desenvolvimento cognitivo, já que o processo de aquisição da linguagem acontece durante a infância. Como afirma Quadros (2008, p. 63)

A criança, portanto, não aprende a linguagem porque generaliza esses processos, mas sim porque ela está diante de um ambiente que lhe permite acessar esse conhecimento, assim como acontece com as demais áreas do desenvolvimento.

O contato do ouvinte com a Libras também é essencial, pois desde criança se deve despertar o interesse pela aquisição de uma segunda língua. Por fim, devemos atentar para as leis mencionados ao longo deste estudo e que exigem a Língua Brasileira de Sinais em sala de aula, seja por meio de um professor.

3 MÉTODOS

O desenvolvimento da presente pesquisa é de natureza básica, exploratória, de caráter bibliográfico e qualitativa, ou seja, busca somar novos conhecimentos para o avanço da ciência, com um planejamento flexível envolvendo a leitura e consulta a livros, artigos, internet e análise de exemplos que estimulem e auxiliem na compreensão do tema estudado.

A escolha por uma metodologia bibliográfica deu-se pelo fato de ser um procedimento metodológico que oferece ao pesquisador possibilidades na busca de soluções para seu problema de pesquisa, além de demonstrar como se configura a apresentação e análise dos dados obtidos. Neste caso, preocupou-se em mostrar que a Libras tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural, não podendo ser confundida com mímica.

É necessário que a população de uma cultura de língua oral, entenda que “o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais.” (GESSER, 2009, p. 21) Deste modo, buscamos no campo da pesquisa desmistificar a Libras como mímica e entender que sinais não são gestos.

A pesquisa bibliográfica, segundo Fonseca (2002),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32)

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, dentre outros. Para Minayo (2001, p. 14),

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para este tipo de pesquisa básica, ou seja, com o intuito de gerar novos conhecimentos para a ciência, foi utilizada a técnica de leitura elaborada a partir de material já publicado, constituída por livros, revistas, artigos científicos, jornais, dissertações, internet, entre outros com o objetivo de desmistificar alguns mitos acerca da Libras que permeiam a sociedade em pleno século XXI. Dessa forma, foram efetuadas leituras sucessivas do material selecionado obedecendo às etapas de seleção, reflexão e interpretação. Para a concretização dos objetivos desta pesquisa, elencamos dois momentos: primeiro, apresentar os suportes teóricos que

ajudam a esclarecer e fundamentar a Libras enquanto língua; segundo, exemplificar, por meio de imagens, o porquê dos ouvintes, inclusive alguns surdos, confundirem Libras com mímica.

Para a realização dessas metas, realizamos algumas leituras de artigos, de autores, tais como Gesser (2009), Quadros (1997) e Forster (2004), *corpus* dessa pesquisa, que fizeram perceber a necessidade de discutir, no âmbito educacional infantil, a Libras enquanto cultura, língua, identidade, filosofia, política, dentre outros. Assim, a partir deste momento, elaboramos fichamentos com o intuito de selecionar os pontos mais relevantes para a pesquisa.

A última etapa diz respeito à construção do produto, à escrita do artigo, feita a partir da seleção e coleta dos dados durante as leituras realizadas no primeiro momento. A escolha por essa metodologia se deu em virtude de uma vivência em sala de aula, na qual a falta de conhecimento a respeito da língua de sinais levava as crianças a se comunicarem por mímica ou datilologia.

4 ANÁLISE DE DADOS

Em vários estudos sempre são mencionados alguns mitos que insistem em permear o imaginário de muitas pessoas que não conhecem a cultura surda, mesmo tendo amplos debates sobre o assunto. Apresentamos aqui os resultados desta pesquisa, com base na leitura do nosso corpus, a citar Forster (2004) e Gesser (2009). Assim, este capítulo foi proposto para dinamizar ainda mais o conhecimento e desmistificar algumas questões com o auxílio de algumas dessas pesquisas.

Nesse sentido, o trabalho de Forster (2004) apresenta duas cartilhas desenvolvidas pelo Programa Surdez, vinculado a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), intituladas *Uma língua que se fala com as mãos* e *Desfazendo mitos e mentiras sobre línguas de sinais*, com o fito de mostrar, respectivamente, o quão infundado é o preconceito contra as línguas de sinais, bem como fornecer informações essenciais destinadas ao público que possui minimamente contato com o surdo; abordar concepções comuns sobre a Libras que permeiam o senso comum, mas não condizem com a verdade. Neste estudo daremos ênfase à segunda cartilha, especificamente as partes relacionadas à mímica.

Com o fito de mostrar que os mitos são apenas mitos, no artigo Forster (2004) apresenta a cartilha *Desfazendo mitos e mentiras sobre línguas de sinais*, composta por 4

partes divididas em: mímica, libras para todos os surdos do mundo, mutismo e rapidez no aprendizado. No capítulo referente à mímica, a cartilha explana dois pontos importantes à nossa pesquisa, primeiro que a língua de sinais é uma língua como qualquer outra e não uma forma de comunicação inferior; segundo, o surdo não aprende a falar uma Língua de Sinais fazendo mímica, ele deve estar inserido em uma comunidade de falantes dessa língua para que possa aprendê-la e desenvolvê-la da maneira adequada.

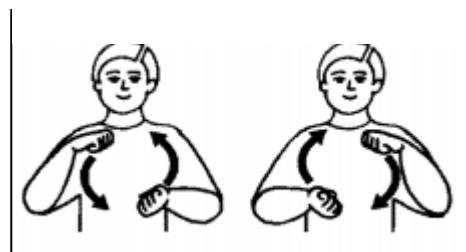
Vimos também que as Línguas de Sinais não são mímicas ou pantomimas, pois exprimem ideias abstratas e apresentam todas as propriedades linguísticas presentes nas línguas humanas orais. Segundo Forster (2004, p. 02), “Como nas línguas orais, os sinais são parte de um código, que, para ser eficaz, tem de ser compartilhado pela comunidade de falantes.” Ela até pode ter sinais icônicos, a exemplo de beber, árvore, telefone, dentre outros, mas isso não significa dizer que todos os sinais são assim, “o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um acordo coletivo tácito entre os falantes de uma determinada comunidade.” (SAUSSURE, 1915, p. 23). Observe a imagem (CAPOVILLA, 2007, p. 386/523)

Figura 3 beber



Fonte: Capovilla, 2007

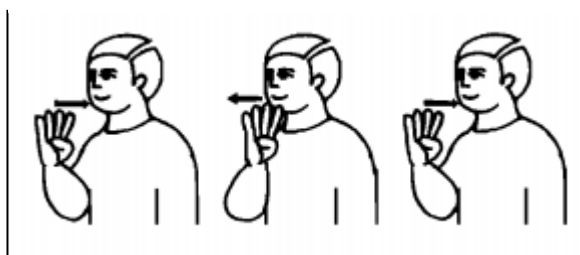
Figura 4 carro



Fonte: Capovilla, 2007

Além de ocorrer nos substantivos, exemplo 4 (carro), a iconicidade também acontece em alguns verbos na Libras, como no exemplo 3 (beber). O sinal para ‘beber’ é representado pela mão fechada, com o polegar distendido próximo a boca, já o sinal de ‘carro’ é representado pelas duas mãos fechadas em movimento remetendo ao ato de dirigir um carro, fazendo assim alusão à imagem do seu significado. Mesmo icônico, esses sinais fazem uso dos parâmetros da Libras, esses parâmetros são compostos por 5 componentes: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões faciais, juntos eles contribuem para formação de um sinal (QUADROS E KARNOPP, 2004). Segue outro exemplo (CAPOVILLA, 2007, p. 654):

Figura 5 conhecer



Fonte: Capovilla, 2007

No exemplo 5 temos um sinal arbitrário. A *configuração de mão* diz respeito à forma da mão na palavra "conhecer": um sinal realizado com uma mão em numeral "4". A *orientação da palma da mão* indica que os sinais têm direção e que sua inversão, em alguns sinais, pode alterar o significado do sinal. A orientação é a direção que a palma da mão aponta na realização do sinal e no caso de "conhecer": para o lado direito (contralateral). A *locação* refere-se ao lugar, podendo ser realizado em alguma parte do corpo, e no exemplo podemos verificar que ocorre em frente ao queixo. Finalmente, o *movimento*, que pode ou não estar presente nos sinais. No caso de "conhecer": a lateral do dedo indicador bate próximo ao lado direito do queixo.

Neste contexto, o olhar do docente para o conhecimento a respeito do uso correto da Libras, da importância de saber e de falar em sala sobre os parâmetros, a identidade e cultura surda permite ampliar as definições corretas sobre a língua brasileira de sinais, pois a participação desde cedo de crianças no mundo dos surdos possibilita o amadurecimento de um povo visto hoje como minoria. Vejamos outro exemplo de iconicidade e arbitrariedade na Libras:

Figura 6 dançar



Fonte: Capovilla, 2007

Figura 7 conversar



Fonte: Capovilla, 2007

Os exemplos ilustram claramente o quanto a Libras pode ser icônica, figura 6, no sinal de dançar. Observa-se as mãos, juntamente com os braços e os ombros, se movem para os lados, imitando o movimento do corpo durante a dança; no entanto, também se tem sinais

arbitrários, a citar a figura 7, sinal de conversar, (mão esquerda fechada, palma para baixo; mão direita aberta, palma para baixo, dedos tocando o dorso da mão esquerda. Mover a mão direita em círculos horizontais para a direita), assim, a Libras pode ser representada, em toda a sua complexidade, pelos sinais.

Pensando nisso, conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem relação apenas com a linguística e cognição, tem repercussão social. Conhecer a identidade do povo surdo, entender a sua história, contexto social e cultural são de extrema relevância na desmistificação dos mitos. Historicamente, o povo surdo foi marcado por vários preconceitos em relação a sua identidade e sua cultura, conforme Gesser (2009, p. 52), “a cultura surda foi marcada por muitos estereótipos, seja através da imposição da cultura dominante, seja das representações sociais que narram o povo surdo como seres deficientes”.

É por meio da cultura que uma comunidade se constitui, integra e se identifica (SALLES, 2004). Assim, para construir sua própria forma de se vestir, se sentir e se relacionar, os surdos tiveram que romper com alguns preconceitos, bem como aceitar outras culturas até poder inserir a deles entre os ouvintes e os próprios surdos, pode-se dizer que foi um caminho longo e árduo até chegar no contexto atual.

Ao aderir ao ensino de Libras, a escola também opta por uma abordagem da pluralidade cultural, proporcionando a maioria dos alunos observarem, conhecerem e se aprofundarem em uma outra cultura. Além disso, a escola instiga a criança nas séries iniciais a despertar o senso crítico, induzindo o alunado a refletir sobre as diferenças e semelhanças existentes entre a primeira língua do aluno surdo (Libras) e a língua natural do ouvinte (língua portuguesa, por exemplo).

A primeira diferença a ser notada faz referência à modalidade viso-espacial utilizada pelas Libras, a língua portuguesa utiliza da modalidade oral-auditiva. Essa diferença se estende também à estrutura gramatical de cada modalidade da língua. É importante destacar que da mesma maneira que as comunidades falantes da língua portuguesa possuem suas gírias, as comunidades surdas também possuem suas variações.

Nesse quesito, vale relembrar o quão importante e fundamental é a inserção da Libras nas séries iniciais, pois esse contato da criança com a língua, desde cedo, permite que alguns mitos sejam rompidos. Uma dessas utopias é tratar a Libras como uma mímica. Apesar de ser uma língua visual, a Libras não se resume meramente a uma imitação de gestos que tentam reproduzir algum objeto ou referência, a isso chamamos de mímica, por isso é incorreto

caracterizar os sinais da Libras como simples gestos ou mímicas, posto que se diferem por regras gramaticais específicas.

Podemos nos deparar com uma ou outra palavra de caráter um tanto icônico, no entanto, em Libras, quando há uma relação entre significação-função em um dado contexto dentro do sistema de uma determinada língua chamamos de classificador. De acordo com Pimenta e Quadros (2006, p. 71), os classificadores “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados”. Veja o exemplo a seguir de classificador:



Em libras podemos usar os classificadores para pessoas, animais e objetos. No exemplo acima temos o classificador do verbo cair que, a depender do sujeito da frase, terá uma configuração para concordar com a pessoa, animal ou objeto. Outro exemplo de classificador é quando queremos informar que as pessoas estão na fila, não tem sinal que reproduza tal informação, assim, usamos o classificador para tornar a ideia plausível. Observe (CAPOVILLA, 2007, p. 1087):

Figura 8 fila



Fonte: Capovilla, 2007

Como nas línguas orais, os sinais são parte de um código que, para ser eficaz, tem de ser compartilhado pela comunidade de falantes. Com este exemplo 8 é possível perceber que os sinais, mesmo icônicos, ou seja, com reprodução fidedigna, não são uma simples imitação. Diferente de uma mímica, em que qualquer pessoa reconhece a palavra, na Libras, há a necessidade de um conhecimento linguístico prévio para que haja comunicação.

Vale salientar que a comunicação através da Libras pode utilizar de expressões não manuais para transmitir uma mensagem, no entanto, não podemos considerar a Libras uma mímica, pois apesar de alguns gestos serem icônicos, não se pode aplicar a todos os sinais, além do mais, já vimos que não basta imitar o movimento ou qualquer outra propriedade do objeto para estar usando uma língua.

Nessa direção, as discussões presentes neste estudo pretendem propiciar reflexões ainda muito enraizadas na sociedade ouvinte, dado que a língua de sinais dos surdos não tem gramática, logo, ela não passaria de uma mímica. Esta pesquisa torna-se relevante porque mesmo com a implementação de políticas para tal, ainda é perceptível práticas que não respeitam a cultura, a legislação e a identidade do povo surdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das leituras empreendidas para a construção deste trabalho, observamos algumas questões que permeiam a vida do surdo. Muitos são os mitos e preconceitos compartilhados em pleno século XXI a citar o uso de mímicas como se fosse um elemento pertencente a Libras. Mesmo com leis e decretos, infelizmente, a falta de conhecimento leva a propagação de informações divergentes da verdade prejudicando, assim, o desenvolvimento linguístico dos surdos, bem como agrava o processo de construção da história de um povo.

A pesquisa revelou que a inserção do surdo e ouvinte no âmbito educacional merece atenção e discussões mais aprofundadas. É necessário ter em mente que, da mesma maneira que é ensinado o inglês e o espanhol nas escolas regulares, a Libras pode e deve ser vista como uma segunda língua necessária, tanto pela sociedade quanto pelo âmbito educacional.

Nota-se que mesmo com estudos como de Quadros (2007), a aquisição da Libras enquanto L1 e L2 ainda é precária; observa-se, também que embora as leis e decretos tenham ganhado fôlego ao longo dos anos, eles ainda não conseguem atender às necessidades e às demandas da comunidade surda. Algumas incongruências, como a falta de profissionais

capacitados, refletem nos mitos que se propagam a respeito da educação do surdo e do ouvinte, enquanto L2, no universo da Libras.

Existe um longo caminho a ser percorrido, mas já podemos ver grandes avanços em estudos como o de Gesser (2009), no qual é pontual ao desmistificar o uso de mímica na Libras, ou ao constatar que a datilologia não pode ser vista como uma comunicação entre a comunidade surda e ouvintes. Salientamos também a importância de reconhecer a identidade surda enquanto ramo de uma cultura e de uma língua natural: Libras.

Inserir desde cedo o aluno falante e o surdo no âmbito escolar e o colocar em contato com a Libras, identidade e cultura do povo surdo, permite que essa criança se torne um adulto com uma percepção e um olhar mais crítico e reflexivo sobre o assunto. Por mais que o governo aponte para melhorias e avanços no que compete aos surdos, ainda existe muito preconceito e ideias errôneas a respeito dos surdos.

Nota-se, ainda, por meio desta pesquisa, que o estudo a respeito da Libras ou até mesmo sobre toda a teoria proposta e apresentada não são suficientes para que essa língua seja (re)conhecida por todos – ouvintes e surdos. É pertinente a discussão sobre a língua materna e a própria estrutura da língua, no entanto, ainda é necessário que haja pesquisas voltadas para o reconhecimento da cultura e da identidade dos surdos, uma recuperação histórica. Por mais que a presente legislação garanta a presença da Libras nos âmbitos escolares, ainda há muito o que fazer para que essa presença seja factual e emancipatória nas instituições brasileiras.

Assim, essa pesquisa mostra-se relevante para a academia, pois por meio de um olhar singular tentamos contribuir e almejar a tão sonhada igualdade entre todos, despertando o interesse no leitor em aprofundar suas leituras sobre a identidade surda e compreender que tanto a identidade quanto a cultura desse povo está sempre sendo construída, o que torna os indivíduos multiculturais. Por fim, é importante respeitar as diferenças e conhecer um pouco sobre o povo para evitar a propagação de informações que não condizem com a verdade.

É importante frisar que este estudo não pretende esgotar o debate sobre o tema aqui discutido, mas dar continuidade e despertar em outros pesquisadores o interesse em aprofundar tais questionamentos a respeito da Libras enquanto L2.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. *Lei nº 9.394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso em: nov/2020.
- BRASIL. *Decreto Nº 5.626/2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC, SEESP, 2v. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/Ipvol2.pdf> >. Acesso em: 20 agosto 2016.
- CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Volume I: Sinais de A a L (Vol 1, pp. 1-834). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001a.
- CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Volume II: Sinais de M a Z (Vol. 2, pp. 835-1620). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001b.
- CARVALHO, Paulo Vaz de. *O Abade de L'Epée no século XXI*. 1ªs Jornadas da LGP. Língua. Ensino. Interpretação. ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra, 2012.
- DIAS, V. L. L. *Rompendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental*. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.
- FERNANDES, S.. *Educação Bilíngüe para Surdos: o contexto brasileiro*. In: I Seminário sobre Inclusão no Ensino Superior: trajetória do estudante surdo, UEL, 2008.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- FORSTER, R. *Desfazendo Mitos e Mentiras Sobre Línguas de Sinais*. 2004.
- GESSER, Audirei. *Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GOLDFELD, M. *A criança surda*. São Paulo: Pexus, 1997.

HONORA, M.; FRIZANCO, E.; LOPES, M. *Livro Ilustrativo da Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

HONORA, M.; FRIZANCO, E.; LOPES, M. *Fundamentos de Fonoaudiologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1998.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2011.

MERSERLIAN, Kátia Tavares. VITALIANO, Célia Regina. *Análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos*. PUCPR: 2009, p. 3736 a 3750.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza Souza. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 30. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

QUADROS, R. M. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira - Estudos Lingüísticos*, 2004. Ed 1. Artmed Psicopedagogia.

QUADROS, Ronice Muller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Ed. da UFCS, 2008. 304p

SILVA, Silvana Araújo. *Conhecendo um pouco da história dos surdos*. Londrina, 2009.

SILVA, V. et al. Educação de surdos: Uma Releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (Org). *Estudos surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p.324.

SKLIAR, Carlos. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

TAVARES, Ilda Maria S; CARVALHO, Tereza S. Santos de. *Inclusão escolar e a formação de professores para o ensino de Libras* (língua brasileira de sinais): do texto oficial ao contexto. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-formacao-libras-do-professor-ouvinte-na-educacao-bilingue-aluno-surdo.htm> Acesso em: nov/2020.